

APRESENTAÇÃO

CATERINE REGINENSI

Os diferentes textos que integram o presente dossiê foram apresentados, em forma de conferência, debate e mesa-redonda, durante o seminário intitulado *As margens da cidade falam!* (19 e 20 de agosto de 2015). Este seminário tinha como objetivo dar a conhecer alguns resultados da pesquisa de abordagem etnográfica “A cidade como arena de oportunidades: etnografia das margens da cidade, estética e partilha política do sensível”¹. O seminário organizou-se em dois dias: o primeiro foi dedicado a visitas comentadas aos lugares da pesquisa, dando um espaço/tempo mais importante à visita à comunidade “Margem da Linha”, em Campos dos Goytacazes, norte do estado do Rio de Janeiro, onde foram organizadas:

- *performance* com o grupo de teatro local do Centro Juvenil São Pedro². Os jovens se apresentaram em francês: *Je suis (Sou)...j’habite à Margem da linha (Moro..)*, *j’aime le théâtre, (Gosto do teatro) Bienvenus! (Bem vindos!)*. Logo depois, escolheram uma pessoa, entre os visitantes, e conduziam a visita ao Centro;

- aula de passinho improvisada e oferecida pelo dançarino Josinho, que espontaneamente quis acolher o grupo de pesquisadores ensinando a sua paixão: a dança;

- interlocução com os moradores que não querem sair da comunidade e tentam se organizar; o debate foi organizado sob a responsabilidade do professor Rafael Soares Gonçalves, da PUC-Rio, área de Serviço Social;

- projeção de imagens da Margem da Linha. Projeção, ao ar livre, no início da noite, em frente ao Centro Juvenil, no muro que separa a linha e a comunidade de um terreno, futuro lugar de um condomínio de luxo. As imagens foram produzidas pelo fotógrafo Vincent Rosenblatt, que trabalhou com o grupo de teatro e de capoeira da Margem da Linha dias antes da realização do seminário e se ofereceu para projetar também imagens de bailes *funk* do Rio de Janeiro.

1 Catherine Reginensi, Pesquisadora visitante bolsista CNPq, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf).

2 Instituição não governamental de assistência social, sem fins lucrativos, vinculada à Rede Salesiana de Ação Social (Resas), mantida pela Inspetoria São João Bosco (ISJB).

Figura 01: Performance Grupo de teatro, Centro Juvenil São Pedro, Margem da Linha, 19 de agosto de 2015



Foto: Caterine Reginensi

Figura 02: Projeção no muro, Centro Juvenil São Pedro, Margem da Linha, 19 de agosto de 2015



Foto: Caterine Reginensi

O segundo dia do seminário aconteceu no auditório multimídia do Centro de Ciências do Homem (CCH) da Uenf, em torno de mesas coordenadas com palestras, comentários e debates.

O dossiê tenta respeitar a organização em três eixos temáticos do seminário: entrar nas margens praticando etnografia, o significado de morar nas margens e quem atua e como nas margens da cidade.

Os diferentes textos não refletem os debates suscitados no decorrer da sua apresentação, mas permitem, em seu conjunto, repensar a categoria *margem* e os atores que agem nessas margens. Os textos trazem contribuições de caráter diferenciado à reflexão sobre as margens da cidade contemporânea e oferecem uma discussão ampla, capaz de estimular o debate e o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema.

ENTRAR NAS MARGENS, PRATICAR ETNOGRAFIA

Visto através de uma incursão etnográfica no universo das favelas e dos conjuntos “Morar Feliz”,³ o território das margens, em Campos dos Goytacazes, é abordado pela professora Caterine Reginensi no texto que introduziu o segundo dia do seminário. O artigo resgata o percurso metodológico da pesquisadora, mostrando as dificuldades para entrar no campo das margens e tentar definir esses territórios, feitos de vidas em contraste. A pesquisadora insiste sobre o interesse de abordar as margens a partir das trajetórias de vida dos moradores captados no seu cotidiano, e por isso “fazer variar o método” foi essencial para construir uma etnografia que seja também um processo de documentação visual das realidades observadas. O texto sublinha, em conclusão, a importância de restituir o trabalho de pesquisa aos moradores de forma a ser pensado um espaço/tempo, durante a pesquisa, que deixe surgir as expressões de morar e atuar nas margens. Este trabalho de devolução, no caso dessa pesquisa, foi particularmente bem sucedido com a participação de Vincent Rosenblatt, fotógrafo, que conseguiu criar uma cenografia apropriada ao contexto de remoção e de produção sociocultural na Margem da Linha.

Que posição adotar entrando nas margens? Soraya Simões, a partir de três pesquisas empíricas e de caráter etnográfico, busca situar a pesquisa etnográfica em contextos urbanos diferenciados e se situar como pesquisadora. Ser, estar e escrever a pesquisa é o trabalho do etnógrafo. Então, como falar dos “outros” e desse processo de negociação, de encontros e desencontros? Permanências e rupturas, nos territórios estudados, interpelam a pesquisadora, que acaba propondo que as margens, as fronteiras são lugares no espaço social das cidades que podem favorecer uma reflexão sobre as práticas dos sujeitos, chamando a atenção sobre as dificuldades, mas também sobre os recursos produzidos, mobilizados pelos moradores/atores da pesquisa e provocar o etnógrafo. Assim, ressalta Soraya Simões,

3 Morar Feliz é um programa habitacional municipal financiado com recursos provenientes dos *royalties* do petróleo, que atualmente é um dos principais dinamizadores da economia da cidade de Campos dos Goytacazes. Em 2012 o programa contemplava 5.426 famílias, que foram distribuídas em 14 conjuntos construídos em dez bairros periféricos da cidade.

o campo de estudo nunca pode ser pensado independentemente da presença do pesquisador no campo. O que se entende por *ser* se define no *estar*. A pesquisadora coloca em evidência que etnógrafo é um “tipo de pesquisador que vai ao encontro do mundo”. Por fim, a etnografia se realiza na escrita e torna-se uma interpretação do mundo observado, reformulando permanentemente o papel do pesquisador.

MORAR NAS MARGENS, EXPERIÊNCIAS DA ESPERA

A segunda mesa coordenada destacou duas experiências de interlocução na procura de entender o significado de morar nas margens em contexto de mudança. O texto de Teresa Peixoto Faria tem por objetivo trazer uma reflexão sobre as remoções das favelas considerando que morar nelas pode significar estar nas margens, mas não necessariamente ser marginal no sentido vulgar e pejorativo do termo. Insistindo no caráter criativo dos seus moradores, o seu texto discute as ações de remoção de favelas relacionadas ao programa “Morar Feliz” da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (PMCG), privilegiando a análise da espera imposta aos moradores antes da, durante a e após a remoção. A pesquisadora, participante de um grupo de pesquisa internacional, interessa-se pela dimensão espacial dessa espera que constrói territórios da espera, dentro da cidade. Observar e descrever o cotidiano dos moradores em situação de espera, em dois lugares diferenciados de Campos, representa uma contribuição original que permite compreender que a espera de um lugar para morar, depois da remoção, pode ser, por vários moradores, uma experiência muito sofrida ou, por outros, uma maneira de se adaptar em uma casa do provisório, e de transformar a espera em esperança de morar feliz.

A segunda experiência relatada nessa mesa foi a aproximação, por parte de uma equipe interdisciplinar de pesquisa de extensão, no contexto da cidade de Juiz de Fora (MG), de moradores de um conjunto construído com base no programa federal “Minha casa, minha vida” (MCMV). A pesquisa pretendia oferecer um suporte aos moradores para encaminhamentos e negociações junto aos diversos órgãos da administração pública. O artigo traz o relato das diferentes etapas da pesquisa realizada nesse conjunto, considerando o seu entorno, escala do bairro e da cidade. A partir de levantamentos do espaço físico, das observações, da prática de percursos comentados e oficinas com moradores, a professora Leticia Zambrano traz uma reflexão rica e original sobre as “novas margens” espaciais e sociais que surgem na cidade através da implementação de moradia planejada. E defende um ponto de vista que valoriza a dimensão participativa da arquitetura e do urbanismo.

ATUAR NAS MARGENS

O texto de Antonio Godoy, Daniela Bogado e Danielly Aliprandi resgata o processo de luta dos moradores da Margem da Linha para conquistar seus direitos a uma moradia digna. Desenvolvendo uma “arqueologia” das atividades de

resistência neste lugar, os autores apresentam mais especificamente o processo de remoção vivenciado pelos moradores. Através de uma parceria entre as universidades locais (UFF, Uenf, IFF), o Centro Juvenil São Pedro – implementado na Margem da Linha – e a associação de moradores, organizou-se um projeto de pesquisa e de extensão visando estudar de forma aprofundada, junto com os moradores, as condições do *habitat* e as possibilidades de permanecer no local. O objetivo do projeto é oferecer uma alternativa à remoção aos moradores, observando os princípios jurídicos inserido no Plano Diretor da cidade. O texto, baseado em amplo trabalho bibliográfico e resultados parciais do trabalho de pesquisa e de extensão, contempla de forma crítica a Margem da Linha com uma margem sociopolítica que não só fala, mas atua para conquistar, para além do direito à moradia, o direito de ser cidadão.

A proposta do doutorando Glaucio Gleí Maciel e do professor Rafael Soares Gonçalves analisa, no contexto de revitalização urbana, as articulações entre políticas urbanas e ambientais. Apresenta resultados preliminares de uma pesquisa socioambiental que mostra que viver dentro ou na margem de espaços de conservação (parques urbanos) conduz os moradores a formas de resistência, no cotidiano, para se garantir o acesso coletivo aos espaços verdes na cidade contemporânea.

O som do berimbau atravessando as margens e a capoeira como processo de resistência se destacaram na última mesa coordenada do seminário. Depoimentos dos educadores e capoeiristas da Margem da Linha e de um ativista urbano/mestre de capoeira, no morro de Cantagalo, Rio de Janeiro, além de *performance* do dançarino Josinho (passinho), são resgatados pela professora Antenora Siqueira até compor um texto que problematiza as expressões artísticas urbanas à margem da cidade. O texto reflete sobre diferentes linguagens e expressividades que legitimam a pertença a um lugar de moradia, ao longo do tempo, e promovem projetos culturais que expressam estilos de vida urbanos. A favela constrói espaços de resistência aos preconceitos diversos que continuam a existir: um favelado é um ser estigmatizado, e assim emerge a figura do bandido. O território da favela é um espaço da invisibilidade, não figura na cartografia da cidade ou, se aparece, torna-se uma área de riscos que deve ser destruída. Mudar a imagem negativa persistente é o objetivo dos ativistas e capoeiristas participantes do seminário e que poderiam ser chamados, em referência a Gramsci, de “intelectuais das margens”.

Caterine Reginensi

Organizadora deste dossiê, Caterine Reginensi é doutora em Sociologia, HDR em Antropologia Urbana, e pesquisadora visitante do CNPq Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – Uenf

